LISBOA — QUINTA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 79 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

ELEIÇÕES. Um dos candidatos a senador por Lisboa, o sr. general de Castro e Guedes Dias, reformista, declarava hoje ter esperanças de ganhar o seu «fauteuil», ante a dispersão de votos, «por via do grande numero de concorrentes». Assim, é possivel que algum candidato vá á camara com três ou quatro votos. Será o que se chama um parlamentar «por via reduzida».

* * *

APARECERAM hoje colados nas paredes os manifestos politicos do dr. Bernardino Machado. Muitos dêles, em quasi todos os bairros, apareceram rasgados. Não nos parece uma maneira correcta, e até eficaz, de discordar.

* * *

O SR. dr. João de Deus Ramos, pedagogo distintissimo e ex-ministro da instrução, apresenta a sua candidatura como deputado independente pelo circulo de Coimbra.

* * *

O GOVERNO conta «seguramente»—diz—com uma maioria de 12 a 15 votos. E' possivel. Ainda há alguns meses ninguem suporia que os democraticos deixassem de ter numas eleições gerais uma maioria fulminante e absoluta sobre os outros partidos todos. O que isto significa? Que se o trabalho do partido liberal opera prodigios, a dissolução, só por si, opera milagres.

* * *

O SR. Baltasar Teixeira tem a sua eleição tremida por Portalegre. Será possivel? O secretário perpetuo da Camara dos Deputados era, por assim dizer, um pilar seguro, que nenhum Samsão faria desabar. Os acordos politicos sacrificam sempre alguem. E aí está uma forma (e o caso não se entende com o prestante secretário do Congresso) de algumas pessoas conseguirem ser alguem.

* * *

A PROVINCIA está movimentadissima. Os candidatos nascem dos automoveis como cogumelos em terra de eleição. Não há melhoramento local que se não prometa. Não há estrada, não há caminho de ferro que até ao fim do ano não estejam concluidos. De um politico sabemos nós que prometeu ligar telefonicamente — antes do dia 10 — uma terra da provincia á capital do distrito. Há de ser um gôsto falar ao telefone depois da eleição... Está lá?

* * *

O HOMEM é um animal politico — disse algures um tratadista de direito. Mas ficava melhor assim: o português é um animal politico.

O correspondente do «Diario de Noticias» em Vila Flôr mandou dizer para o seu jornal: «Nunca esta vila esteve tão movimentada como agora. Ontem viram-se aqui seis automoveis e uma motocicleta!»

Seis automoveis, estão os senhores a ver, correspondem pelo menos a seis candidatos. Em Vila Flôr juntaram-se no mesmo dia, na esperança de salvar a Patria, seis homens que valem seis programas de salvação publica.

ALIANÇA COM O BRASIL

Entrevistado pelo «Diario de Lisboa», o escritor eminente que é o sr. Anselmo Braamcamp Freire afirmou o seu aplauso a uma aliança com o Brasil. Estamos certos de que esta opinião do sr. Braamcamp Freire não será contraditada por nenhum português de valor, antes recolherá uma unanimidade de sufragios altamente indicadora da intuição ou compreensão, que o paiz sempre teve, do seu destino atlantico. Sobre o mar glorioso Portugal possue, com efeito, três «oasis» de descanso, três postos de observação e de dominio que são a Madeira e os arquipelagos dos Açores e de Cabo Verde; e uma grande parte — a maior — das praias de Africa, que vão da Guiné ao sul de Angola, e junto das quais repousa esse empório económico e comercial das ilhas de S. Tomé e Principe. Esta boa fortuna geografica — tão corajosamente obtida pelo esfôrço heroico dos antepassados — traça, só por si, um caminho, impõe um rumo, determina uma orientação. E não é exagêro patriotico dizer que o Atlantico Sul nos pertence, por direito de tradição e de conquista, a que é preciso, mais dia menos dia — tão depressa quanto possivel — acrescentar o direito do trabalho e da iniciativa inteligente e ousada.

Mas tambem pertence ao Brasil o Atlantico Sul — ao Brasil desenrolando a vastidão, a feracidade e o esplendor do seu litoral sobre o oceano português, que bem pode chamar-se assim o «oceano luso-brasileiro». Tal facto, bastaria para nos aconselhar uma aliança com a Republica fraterna. E singularmente reforçaria êsse conselho a circunstancia — que nenhum nativismo nos deve deixar esquecer — de que os povos marginais do Atlantico descendem ambos da mesma raça lusitana, que por certo ainda não realisou toda a sua missão no mundo. Daqui a cincoenta ou cem anos, o Brasil, grande potencia comercial e naval, e Portugal, grande potencia colonial, serão forçados a entender-se e a auxiliar-se sobre a estrada comum dos seus interêsses e das suas ambições: o Atlantico.

Porque não iniciar já êsse entendimento, preparando umaa aliança entre os dois paizes? O unico motivo, que muitos até hoje têm invocado para que o entendimento se não dê e a aliança não se realise — motivo que é a identidade da produção das duas nações — deixou de existir, visto que se acredita nas vantagens de acordos económicos que levem essa produção associada aos mercados do globo, onde melhor conseguirá obter dessa maneira preços remuneradores. Nenhum outro preconceito aparece contra a possibilidade e a viabilidade da aliança — em que Portugal e o Brasil lucrariam, além de vários proveitos práticos, um prestigio incomparavel e um estimulo para mais decisivas vitórias. Urge que nos preparemos para ela — diplomaticamente, sentimentalmente, afanosamente. E urge tambem que nos valorizemos — a aliança tem de ser em bases de igualdade e de solidariedade — mostrando ao Brasil, com a criação de um entreposto em Lisboa, que Lisboa é o natural ponto de contacto entre as jovens terras de Santa Cruz e o movimento económico e comercial da velha Europa.

X.

RENITENCIA

— Irra! Será preciso para o adormecer ler-lhe a Ordem do Exercito, 2.ª serie

O VICE-PRESIDENTE da Camara de Comercio Espanhola de Lisboa, entrevistado por um redactor do «El Sol» sobre as relações hispano-portuguesas, dêste modo respondeu á pregunta «podem os dois paizes progredir juntos sem que os seus interêsses se entrechoquem»:

— Sem duvida. Se Portugal possue um dominio ultramarino e êste ligado por afinidades de raça e de idioma ao Brasil, a Espanha tem na America do Sul o vinculo da tradição de um grande passado. Portugal e Espanha são duas grandes nações, cuja influencia depassa os limites da peninsula privilegiada que ocupam, com portos de escala obrigada, com interessantissimos aspectos de turismo e com um sólo fertilissimo.

Todas estas vantagens são mais do que suficientes para despertar a inveja que se traduz em aborrecidas intrigas.

A estas manobras oporá a Camara de Comercio Espanhola em Lisboa toda a sua energia e influencia.

* * *

O GOVERNO quere enveredar pelo caminho das economias. Em nota oficiosa fez ventilar na imprensa as suas boas intenções. Os trabalhos extraordinarios e serões no ministerio das finanças cessarão; os automoveis do Estado passaram a ser usados exclusivamente em serviço oficial; não se criarão mais despesas, a não ser as absolutamente indispensaveis.

Explendido programa.

Oxalá que todas estas medidas económicas não sejam esquecidas um dia após as eleições.

* * *

APARECEU hoje a «Imprensa da Manhã. Oito páginas, muita informação, um curto artigo de fundo de apresentação e um discreto aspecto gráfico. Ao novo jornal desejamos prosperidades constantes e uma vida eterna.

* * *

A ESTATUA Pombal... Primeiro, a dificuldade de escolha do projecto a aprovar; depois, a nunca resolvida questão dos fundamentos, que custam 300 contos e levam oitenta anos a fazer. Depois, o dinheiro para o monumento, que atingirá 1.000 contos e para os quais há só 200 em cofre. Agora, nova questiuncula para saber se a estatua — para a qual ainda não há dinheiro suficiente — tem de ficar na Rotunda ou no parque Eduardo VII. E assim, por diante.

* * *

DIZEM-NOS que vários elementos dirigentes do partido presidencialista pensaram em efectivar um acôrdo eleitoral com o governo.

O sr. Tomé de Barros Queiroz, porêm, opôs-se á realização dêsse acôrdo, declarando terminantemente que não aceitava ligações com os politicos que acompanharam de perto Sidonio Pais.

* * *

NO LEILÃO da Casa Ameal o Estado, segundo as leis vigentes, terá preferencia na aquisição dos objectos artisticos que não devem sair de Portugal e que serão distribuidos pelos nossos museus.

AS ELEIÇÕES HA 40 ANOS

Antonio Candido, afinal, sempre progressista

A LISTA DA "JUSTIÇA PORTUGUESA", UMA ANECDOTA DE BARROS E CUNHA E UMA EVOCAÇÃO DE RAMALHO ORTIGÃO

O artigo de Norberto de Araujo—um dos novos a quem, no isolamento do meu viver, presto culto e admiração espiritual—veiu recordar o que há 40 anos se passava no acanhado ambiente dos republicanos portuguezes, aos quaes as revoluções de 1868 e 1877, em Espanha, tinham dado o alento duma propaganda pacifica e idealista, em que eram chamados a intervir os homens que, pela palavra e pela pena, pareciam investidos desse marulhar de aspirações que precedeu o sentir revolucionário duma época de movimento e de transformação.

Sou tambem desse tempo, ou antes, a minha filiação partidária e a minha colaboração na imprensa republicana, de mais de dez anos atraz, vem do tempo em que apareceu em Coimbra o primeiro numero da «Republica Portugueza», redigida por Magalhães Lima, Alves da Veiga, Alves de Moraes e Silva Pinto. Com que saudoso sentir memóro a convivencia que mantive com todos os homens que, pelo ideal republicano, se conservaram firmes e coerentes, e, como eu, ao ver-me tão só e tão velho, acossado em 1911 e 12 pelos correligionários novos, a ponto de ter de me bater com eles na imprensa e nas urnas, como adversários desaçaes—como sinto oprimir-se-me o coração ao passar a vista pelos 39 anos que o artigo de Norberto de Araujo aponta, candidatos, como eu, em 1881, dos quaes só hoje vivem, se bem conto, uns 6!

O jornal portuense «A Justiça», a que alude Norberto de Araujo, deve ser a «Justiça Portugueza», que era redigida por Henrique José dos Santos Cardoso, uma das figuras da revolução de Janeiro, pae do deputado democrático Santos Cardoso, tragicamente morto há poucos anos nas escadinhas de S. Carlos. Ora, no n.º 101 do referido jornal, de 14 de Agosto de 1881, vem publicada a lista dos candidatos pelo circulo do Porto, lista em que entravam Alves da Veiga, Manuel Emidio Garcia e António Augusto da Rocha. Este ultimo nome, certamente por involuntária omissão, não vem incluido no artigo de Norberto de Araujo. Nesse tempo, Augusto Rocha era lente de medicina na Universidade e um belo espirito que toda Coimbra conhecia pelas suas ideias avançadas. Morreu em 30 de Janeiro de 1901, e o seu perfil está perfeitamente traçado nestas palavras proferidas, á beira da sepultura, por Bernardino Machado:

«Em Augusto Rocha, o homem de sciencia duplicava-se dum artista. A garridice da sua figura, coroada dôcemente pela fluidez dos seus ondeados cabelos louros, e mais do que aprumada, tocada dum certo ar triunfal, realçava com mixto de desplante e de graça infantil o entono da sua esmerada dição, ampla e nitente, e ainda que, pela ponta de altanaria que ostentava, cheio de emulação, sempre em riste, atirando-se voluptuosamente e sofregamente a todas as arenas, estimulasse um tanto o seu auditório á primeira impressão, não havia ninguem por mais prevenido e hostil mesmo, que ele não acabasse por magnetizar e seduzir com as galas e fulgôres do seu opulento engenho».

De António Candido desconheço que ele figurasse em listas republicanas, com filiação partidária, pois nunca o vi afastado, como tantos outros, da politica progressista, amigo dilecto de José Luciano, e na casa de Anadia rara era a noite em que não tinha de recitar a sua notável oração, proferida nas exequias do duque de Loulé, aos visitantes e correligionários que não lograram assistir em Lisboa ás solenes exequias.

Convivi bastante com um dos mais intimos amigos de António Candido, o sr. António Osório Sarmento de Figueiredo e a este nunca ouvi, que o grande orador tivesse o menor entendimento com os republicanos que nesse tempo evidenciavam as suas crenças e aspirações. O mesmo posso dizer do sr. João Gualberto de Barros e Cunha, monárquico tão afecto á realeza do tempo em que foi ministro das obras publicas (1878), que um dos actos em que o vi ter a vontade decidida dum inglez—e Ramalho chamava-lhe na verdade Barrós and Cunha—foi em sair de Lisboa para ordenar ao administrador do Bussaco que mandasse proceder impreterivelmente, no prazo de 24 horas, á limpeza das estradas e atalhos de toda a mata, porque a rainha e os principes chegavam no dia imediato para ocupar os aposentos que o ministro tinha mandado preparar tambem a toda a pressa, sem olhar a despezas, numa das dependencias do velho convento. O administrador, que dispunha dum pequeno pessoal, disse ao ministro que eram precisos oito dias, pelo menos, para proceder á limpeza.

—Então quantas pessoas são precisas para esse serviço?

—Duzentas, pelo menos.

—Pois vá arranjá-las seja onde fôr, e quero tudo feito num dia.

O homem executou as ordens do ministro, e a sr.ª D. Maria Pia, apesar de terem sido varridas as ruas da mata, não se deu bem com os ares do Bussaco, a sua neurastenia agravou-se, e retirou dentro de poucos dias para Lisboa, não dando talvez sequer pelos afanosos trabalhos do seu dedicado ministro e servidor.

De Ramalho Ortião conservo a lembrança do seu brilhante espirito e da sua imponente figura, mas nunca o considerei meu correligionário, nem creio que a inclusão do seu nome numa lista republicana pudesse ser tomada a sério pelos republicanos, nem pelos monárquicos, ele, que conhecendo tão bem a sociedade em que vivia, artista e homem de letras, teve sempre a justa veleidade de saber impôr-se como critico, nunca como politico!... E andou bem: a politica, ontem, como hoje, faz estremecer como os solavancos que dão os automoveis por essas estradas esburacadas e cheias de precipicios...

Albano Coutinho

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

MAGAZINE

Uma heroina

A mulher suave e terna, enfermeira e consoladora não é menos interessante quando á graça alia a majestade e a coragem dos cavaleiros.

Eu admiro muito mais aquela Branca de Dommissin que durante a Vendéa, com uma pistola, a cavalo, se defendia dos duques que lhe arrendiaram o palacio e a perseguiram atravez das campinas, essa corajosa e formosissima rapariga de 20 anos, que soube depois, no tribunal, falar tão alto, defendendo a sua causa, que no periodo sangrento da Revolução Francesa os juizes da Revolução a absolveram, respeitando-a como uma santa ou uma deusa, do que aquelas parvinhas que choramingavam e rezavam implorando misericordia, quando viam a morte diante delas.

Ter graça não é ser pusilanime nem cobarde.

Renée Baudry, a rapariguita de 14 anos que se deitou resolutamente ao mar em Keroman-Levy para salvar da morte uma criança, que não lhe era nada, deu provas de coragem e de abnegação superiores.

E êste acto de valentia não podera senão acrescentar a influencia que tem em volta de si.

Renée Baudry é com certeza uma daquelas raparigas que tem uma graça nobre e soberana, cuja fôrça reside nelas mesmas e não nos fatos que lhes faz a costureira, nem no pó de arroz que lhes forneça o boticario da aldeia...

Em honra de Pasteur

A Academia Francesa e a Academia das Sciencias reuniram-se para celebrar no ano que vem o aniversario do nascimento de Pasteur.

Nessa celebração há de tomar parte o mundo inteiro: Pasteur é dos homens que não tem patria, porque pertencem á humanidade.

Os ilustrados que sabem o que lhe devêm, prestam-lhe a homenagem comovida que só se presta aos que souberam viver para o bem de todos; os pobres ignorantes, a quem principalmente aproveitou a sua divina descoberta, mais expostos ao terrivel mal da raiva, êsses rendem-lhe constantemente o culto fervoroso das almas simples que assistem á realização de um milagre: Pasteur é a encarnação do santo milagroso que os curava, diziam, e que hoje os salva em realidade.

No concurso hipico de Auteil

Uma das provas militares mais interessantes é a chamada «Journée des Drags», em que é costume reunir-se a mais alta aristocracia e tudo que Paris tem de elegante.

A ultima «Journée des Drags», que se realizou a semana passada, teve toda a ostentação e luxo dos anos anteriores á guerra.

Pela primeira vez, depois desta, apareceram as malas-posta precedidas de batedores a cavalo.

Segundo a tradição elegantissima das corridas, os membros do «comité» foram esperar á entrada da pista as malas-posta, cujos proprietarios tinham sido convidados pela sociedade das «Steeples-Chases».

As toilettes claras predominavam e apresentaram as grandes transformações que nos levarão, muitos anos atraz, a uns costumes que todas as mulheres apelidavam de ridiculos há pouco tempo, mas que usarão e de que até gostarão muito por ser moda: as anquinhas, não pequenas mas já muito exageradas. Ainda mais uma inclinação da moda se acentuou: as intoleraveis saias compridas.

Por êste andar, de aqui a pouco, as senhoras usarão de novo as saias-balão, grandes anquinhas e compridas caudas arrastando...

O que é moda... não é ridiculo (?).

O fausto de Balzac

O pavilhão Balzac da propriedade «Jardies», onde, este e Gambetta viveram, não será vendido juntamente com ela porque pertence ao Estado.

Ela foi sempre um grande sonho de Balzac que, á força de descrever as riquesas fabulosas e os esplendores que realizaria, quando as tivesse, acabou por crêr em ambos como numa realidade.

Em lugar de moveis e decorações colocanas inscrições manuscritas: «Esta parede será coberta de porfiro». Mais além. «Aqui ha de ser colocada uma chaminé de marmore azul turquesa com incrustações de mosaicos napolitanos».

Entretanto Balzac ia vivendo com as suas maravilhas imaginarias numa casa quasi nua, e corria a esconder-se todas as vezes que ouvia tocar a sineta temendo ver aparecer-lhe o agente que o prenderia em virtude das numeras dividas que tinha por toda a parte.

Ao poeta do Romantismo

A Hugo e a todos os idealistas geniais do Romantismo, presta homenagem a exposição inaugurada na casa do grande mestre.

Entre as reliquias oferecidas figura o pombal de Dorval, na «Thishée», e o diadema de Rachel, pertencentes á tragica de hoje, Mlle. Boch, da Academia francesa.

No dia da inauguração esta foi das primeiras a visita-la. Levava um braçado de rosas e, quando lhe ofereceram gentilmente para lhas segurarem, recusou porque em seu espirito levava a intenção que, pouco depois, silenciosamente, realisou, de as ir depôr em torno do busto do fundador do teatro romantico, no quarto reconstituido do grande poeta.

Um castigo

Um senador francez teve uma ideia que podia ter sido uma necessidade na opinião de muita gente, até mesmo um acto heróico, mas que não agradou aos estudantes, apresentando um projecto de lei contra a licença de costumes.

E como todo o delito pede castigo, os estudantes resolveram impôr uma penitencia ao sr. Lamarselle, autor do projecto.

Com esse intuito, reuniram-se na praça da Sorbonne e constituiram um tribunal que determinasse o castigo.

A deliberação não demoreu muito e o sr. de Lamarselle foi condenado a desposar mademoiselle Cécile Sorel, estando ambos presentes na figura de dois estudantes mascarados.

DIA RELIGIOSO

A'manhã 8. Resa-se, da feria simplex, paramentos verdes, missa do dia 3, sem gloria, 2.ª oração fidelium, 3.ª oração a cunctis prefacio de leumum.

Lausperene: Na Sé Patriarcal, pela irmandade do Santissimo.

Festividades: Sé ás 11 côro; ás 12 horas, missa solene da exposição do Santissimo, em Lausperene, por musica; ás 18,30 horas, terço de bemditos, por musica; S. Roque, ás 8,30 missa; Corpo Santo, ás, 11 horas, missa solene da reposição do Lausperene, por musica.

Novenas á Nossa Senhora do Monte do Carmo, com exposição do Santissimo por musica. Antiga igreja da Lapa, ás 18 horas; Carmo, ás 21 horas.

Novena a Santa Isabel, com exposição do Santissimo, por instrumental. Igreja de Santa Clara, em Coimbra, ás 18 horas.

Distribuição do Sagrado Lausperene desde 8 de Julho até 8 de Agosto de 1921.

Dia 8. Sé Patriarcal pela irmandade do Santissimo.

Dia 10. Capela do Senhor de Jesus, da Boa Nova por devoção ex.mo sr. conde Sampaio.

Dia 12. Capela da Nossa Senhora da Conceição ao Caldas.

Dia 14. Na Ordem 3.ª do Monte do Carmo.

Dia 16. Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo (antiga Lapa).

Dia 18. Igreja paroquial de S. Domingos.

Dia 20. Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo, dos ex.mos srs. condes do Monte Real, (na rua S. Domingos, á Lapa).

Dia 22. Igreja paroquial da Madalena.

Dia 24. Igreja paroquial de S. Tiago e S. Martinho.

Dia 26. Igreja paroquial da Pena, pela pia devoção da Senhora Sant'Ana.

Dia 28. Igreja paroquial dos Martires.

Dia 30. Igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.

AGOSTO

Dia 1. Igreja do Bom Sucesso.

Dia 3. Igreja paroquial de S. Domingos.

Dia 5. Igreja paroquial do Socorro.

Dia 7. Igreja paroquial de Santo André e Santa Marinha, (Graça). Por devoção particular.

Teatro de S. Carlos — Companhia: Rey Colaço-Robles Monteiro
Amanhã 6.ª feira:
1.ª REPRESENTAÇÃO DE ENTRE GIESTAS
peça de Carlos Selvagem
3 UNICAS RECITAS
Principais papeis por AMELIA REY COLAÇO, ANTONIO PINHEIRO e ROBLES MONTEIRO

BANCO DO MINHO
FUNDADO EM 1864
Filial em Lisboa — RUA AUREA, 39 a 51 e R. DE S. JULIÃO — (Edificio proprio)
CAPITAL: 4.000:000 escudos — RESERVA: 4.900:000 escudos
Sede em Braga — Filial no Porto
AGENCIAS: GUIMARÃES, COVILHÃ E NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL
Correspondencias em todas as localidade do País e nas principais praças do Estrangeiro

ARTE & LETRAS

"ENTRE A VIDA E A MORTE"

Segunda Tentação de Luís Botelho

Do interessantissimo livro do sr. dr. Samuel Maia, *Entre a vida e a morte*, extractamos o contº que segue:

Caiu-me comº um cesto de pedras na cabeça o teu projecto de mudança para Lisboa.

Julguei-te doido escrevendo em hora de acesso.

Passados os trinta anos, depois de amadurecidº o bom gosto e são juizo... Até aos vinte, emquanto se padece a sofreguidão de bácoro, perdôa-se a tentação da terra grande. Mais tarde custa a compreender o entusiasmo pelas maravilhas do progresso veneradas nos seus momentos oratórios por esse bemquisto funcionário da edilidade, correspondente do *Diário Tagitano*, menos ainda a avidez de ruido própria de adolescentes, ou de fêmeas nervosas.

A cidade intelectual deixou de existir no aglomerado humano das margens do Tejo. Os antigos cenáculos evacuaram os derradeiros idealistas nos cafés tumultuosos, aonde acabaram. Hoje o ideal envergonha, esconde-se comº tara. Querer alguma coisa que não tilinte na mão, torna suspeito o mecanismo mental de quem manifeste semelhante tendencia. Entusiasmo consente-se pelo gôsº animal em que as sensações fórtes apareçam. Essa espiritualidade que tanto se cançaram os antigos a desenvolver, dando-a como caracteristica de evolução superior, desapareceu daqui.

Quando dois homens se encontram, falam de uma mulher, ou de um jantar. Duas mulheres falam de um homem, ou de um vestido.

Sendo a reunião de muitos homens nota-se uma diferença: ocupam-se de muitas mulheres ao mesmo tempo. Com elas sucede alteração equivalente.

Revelam o mesmo cuidado ao sacudir a poeira das suas reputações: «Você não me tome por idealista; prezo-me de ser uma pessoa prática, conhecendo a minha época».

Não será, pois, o viver animalizado de que te queixas a causa emigratória exercendo pressão nº teu sensório, como traduziria a selecta expressão deº João Crisostomo, º torneado mestre que enche o actual momentº da sciencia médica portugueza, ao qual deverias subordinar-te, beijando-lhe o pé ao entrar em Lisboa, para te ser licito habitá-la nº exercicio da profissão.

Espero que a sezão te passe.

Resumo as tuas queixas. O cavalo, pacifico animal que todo o dia aguenta º pezo dº teu corpo, provoca as mais duras. Piza-te a carne, aniquila-te as forças e á noite ao chegares a casa espapaçado, tua mulher recebendo-te amorosa e folgada, a exalar perfumes da sua natureza sã e dº ar picante da serra, encontra-te sonolentº e sem vivacidade.

Nada mais contém a acusação.

Passas o dia visitando doentes cheios de fé no teu saber, gozas atributos divinos. «Ai, senhor doutor, só de o vêr fico melhor». Recebes presentes votivos, em espécie, os mesmos que seº depunham aos pés de Jupiter, o cordeiro dos sacrificios, as aves dos augurios. Todo o ambiente propicio a conservares a ilusão da nobreza do teu cargo, o sabôr de augusto ministerio. E lamentas-te.

Custa um pouco a desempenhar?

Julgo das coisas menos cómodas ser Deus. Aturar as fraquezas dos homens e as suas exigencias, causou sempre uma certa perturbação nos céus entre os imortaes.

Pior dirás, amigo, se vieres ao povoado em que habito, onde º misterio não cabe e o maravilhoso morreu. Fatigarás menos os musculos, mas perderás ao entrares aqui, o bafº de realeza que exalavas entre os simples. Experimentarás a existencia vulgar, despida, sem ilusão, trabalhando no vil oficio que os antigos distribuiam a escravos. Traficarás com a vida do semelhante, usando de manha para trair concorrencia, disputandº e injuriando para que te ouçam os corpos enfermos e prefiram a tua arte. Prometerás mais do que entregas e o freguez a quem servires confundir-te há com os vendilhões do comum, escutando os juizos que fizeres dos teus eguaes, e eles de ti.

Dispõe-te a cair da altura em que te colocou o conceito dos que ainda sabem mostrar o seu reconhecimento de olhos

Samuel Maia

humidos, para experimentares a grosseria traduzida em actos ou dubias palavras de cortezia, saidas de bôcas desmoralizadas pelo teu concorrente. Se respeitas a arte e pretendes conservar digno porte, foge á tentação da cidade. Cançarás a lingua a maldizer, consumirás o figado na inveja «nesta sociedade limpa e bem educada, habitando casas onde se póde ir de automóvel, queixando-se da doença e não da pobreza».

A realidade custaria graves dissabores á tua imaginação. A sciencia deixando de ocupar o teu espirito, daria lugar aº estudº da artimanha capaz de atrair o cliente rico.

O exercicio da medicina tomaria aspectos contrários dos que observaste. Nem a compensação do lucro saldaria o grave prejuizo do desconfôrto moral que vinha sofrer.

Sômos ainda os sacerdotes de Esculápio e carecemos de um forte revestimento de fé para realizar º milagre da cura. Havemos de manter a força do misterio, ou deixamos o lugar ao curandeiro que o aproveitará desacreditando o valor da nossa sabedoria.

E º misterio desapareceu daqui como de toda a parte em que dois medicos disputaram a preferencia de clientelas.

Reconsidera. A decisão tomada carece de melhor exame. Usa da boa prudencia de clinico maduro observando o teu caso. Separares-te da pureza rustica equivale a uma amputação. Perdes as azas e o gôsto de voar. Uma aguia feita galinha... Pensa bem.

Cinza e Neve

A cinza desce
E cresce,
Encinzeirando tudo.
O campo é cinza baça.
E por entre a cinza esvoaça,
Prepassa, branca e leve,
A neve...
Calou-se tudo.
Dentro dum circulo mudo,
Na mudez que desconforta,
A terra parece morta
Sob a neve que esvoaça,
Sob a cinza densa e baça.
.....
No pequeno montado,
Que parece caiado
De branco, pela neve,
Há um casebre
Onde uma pobre velhinha
Se definha,
Queimada pela febre.
E emquanto a velhinha arde
Pela febre devorada,
Lá fóra, na fria tarde,
A neve desce
E cresce,
Branca e gelada.
Sóbe ao leito da doente
O halito dôce e quente
Da lareira.
Mas... ai!
Se o seu corpinho é de gêl
Da neve do seu cabelo
O suor cái...
Cái lento, cái brando,
Mas cada gôta, caindo,
E' uma braza, queimando
Os sulcos que vai abrindo.
E a morte no casebre,
Entra com passo leve!
—Queima o suor da febre,
—Gela o suor da neve!
E a velhinha
Tem o peito a arfar...
Falta-lhe o ar...
Coitadinha!
—Dêem-lhe ar!
—Ela morre!
E logo gente corre.
Ha pranto. Ha gritos:
—Senhora dos aflitos!
—Não a deixeis morrer!
Braços se erguem, e a tremer
O corpinho da doente.
Gelado e ardente,
Levam, e vão estender
Docemente, e leve,
Na porta, á neve.
A febre passa.
Os olhos, semi-cerrados,
Abrem-se deslumbrados,
Para tudo!
E todos, sêco o pranto.
Por tão divina graça
Sentem divino espanto
Porem, a cinza desce
E cresce,
Encinzeirando tudo.

E por entre a cinza esvoaça,
Prepassa, lenta e leve,
A neve.
E prepassando, esvoaçando
Na tarde baça,
Vem estender-se á porta
Da velhinha já morta.
E a neve que se espalha,
Faz-se lençol de linho
Que esse corpo amortalha,
Que Deus sua alma leve.
Alma branca de neve
Como esse corpo pobre
Que a neve cobre.
.....
E lenta, e leve,
Cai cinza e neve...

Lisboa, 1921.

Raposo de Oliveira

CARVÃO de Pedra
Anthracite
Coke de fundição
CIMENTO ALSEN
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. } Lisboa—Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092-5093-5094 Londres—56 Ludgate Hill

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: (Nas termas. (Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, L.da
CAPITAL 100:000$00
SEDE — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone 5351 C. — LISBOA
SUCURSAL EM LISBOA—(Exposições e Vendas), Rua Aurea, 146, 1.º
Secção de Livraria — Concessionaria das Bibliotecas nos Caminhos de Ferro do país. Representante dos principais editores europeus e americanos. = ***Secção de Publicações*** — Proprietaria das MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE, assinaturas e venda de toda a qualidade jornais de e figurinos de alta moda. Envios para a provincia. = ***Secção de Telegrafia*** — Proprietaria das Agencias Telegraficas, RADIO e UNITED PRESS.=***Secção de Publicidade***—Anuncios, eclames e propaganda artistica nos jornais portugueses e estrangeiros. = ***Secção Comercial*** - Concessionaria da Fabrica de Lampadas Electricas HERCULES, do Porto—Ampolas para aboratorios, importação e exportação.

DAMIÃO & C.TA ***57, Rua Garrett, 59*** ▣ ▣ ▣
E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

"Croquis" da greve

Nas Avenidas Novas.

Mademoiselle R., alta, loira, 26 anos. Tailleur *azul escuro, sapatos-galocha, chapéu simples.*

Passa um automovel para o Rocio. Mademoiselle R. chama-o e senta-se no unico lugar vago ao pé do chauffeur.

Um sujeito gordo, que vinha talvez a segui-la, aproxima-se.

O chauffeur *(obsequioso, indicando meio palmo de almofada entre ele e mademoiselle R.) O senhor tem lugar aqui.*

Mademoiselle R. (protestando)—Não é possivel. Não vê que mesmo para uma pessoa magra não há lugar?

O chauffeur*—Ora essa! sempre aqui vão duas pessoas.*

O sujeito gordo conserva-se hesitante, pé no estribo, sem desistir.

Mademoiselle R.—Estão no seu direito. Eu é que não vou assim.

O sujeito (humilde e persistente)—Por quem é, minha senhora!

O chauffeur *(teimoso)—O senhor faz favor de se sentar.*

O sujeito gordo avança.

Mademoiselle R. (resoluta)—Tenha a bondade de me deixar sair.

Mademoiselle R. desce, o sujeito sóbe, o chauffeur *resmunga. Neste momento um soberbo automovel particular, que segue na mesma direcção, guiado por um rapaz elegante, vê-se obrigado a deter o andamento.*

Mademoiselle R. (voz de naufrago)—João! João! leva-me para a baixa?

O automovel pára, o rapaz sorridente, surpreendido, acolhedor, ajuda mademoiselle R. a subir, instala-a ao seu lado e retoma o andamento, num clamor de buzina triunfante e num perigo iminente de chauffeur *que se distráe.*

Mademoiselle R. desculpa-se embaraçada. Conta-lhe o episodio, a pressa ireflectida determinando o ansioso apêlo, a hora marcada no cabeleireiro.

João—Sinto-me profundamente reconhecido ao chauffeur *imbecil, ao sujeito gordo, ao cabeleireiro, á greve dos electricos, a tudo que me deu esta ocasião unica de a ver ao pé de mim, sem o antipatico semelhante a destruir-me o* charme *deste momento, este inofensivo prazer de circular em automovel descoberto, sósinho comsigo para destino incerto...*

Mademoiselle R.—Perdão, para o Rocio.

João—Para o Rocio, como se me pagasse dez tostões! Acho humilhante...

Mademoiselle R.—Olhe que atropela essa criança...

João—Não faz mal... Não atropélo.

Mademoiselle R. (a um salto brusco do automovel)—Se não mo leva a mal, desejaria que o destino incerto não fosse a morgue...

João—Não tenha medo. Confie, ao menos, no meu talento de chauffeur.

Mademoiselle R.—Confio no seu talento de chauffeur, *mas desconfio das suas distracções.*

João—A culpa é sua. Parece-me que ao pé de si é natural que pense menos no carro.

Mademoiselle R.—A culpa é minha, tem razão. Não sinto a consciencia socegada. Creio que devia ter preferido a comunidade de lugar com gente desconhecida.

João—Não seja má!

Chegam ao Rocio.

Alguem cumprimenta mademoiselle R., que se faz intensamente corada.

Mademoiselle R.—Viu o X. cumprimentar-me? O que vão pensar de mim encontrando-me sósinha comsigo? Deixe-me apear já aqui.

João—Não quere que a leve ao cabeleireiro?

Mademoiselle R.—Não. Não quero. Prefiro apear-me aqui. Valha-me Deus! O que vão pensar!

João (ajudando-a a descer, despreocupado)—Ora o que vão pensar!... Que... não ha electricos!...

Samuel.

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

OS ARTISTAS FORA DOS BASTIDORES

QUAL A RAZÃO PORQUE ANGELA PINTO NÃO REPRESENTA NESTA EPOCA

O QUE NOS DISSE A GLORIOSA ARTISTA

A ACTRIZ NA INTIMIDADE—UMA INTRIGA DE MULHERES—A SUA DOENÇA—RECORDAÇÕES—A PEÇA QUE PREPARA — A SUA OPINIÃO SOBRE O PUBLICO E SOBRE OS EMPRESARIOS — "A PRIMEIRA CAUSA" E A "EXILADA"

A Angela Pinto, aquela Angela que nós conhecemos das noites de glória e dos dias de miséria, das anecdotas picantes e dos rasgos de generosidade, das esperas de toiros em Salvaterra de Magos e das esturdias de tom por essa Mouraria; aquela Angela que é toda alma, que é toda nervos, que é toda coração e que, sendo sempre actriz, nunca deixou de ser mulher — está doente.

Saber onde mora a gloriosa interprete da «Zazá» é sempre um problema difficil. Hoje, porêm, o jornalista resolveu facilmente o problema preguntando ao actor Robles Monteiro a morada desejada — *Rua da Emenda*, 30, 2.º.

Lá fomos. A porta da rua estava aberta; dois homens conversavam.

— Queriamos falar com a sr.ª D. Angela Pinto.

— Está doente.

De cama?

— Sim; de cama.

Apresentámos o nosso cartão. Ele viajou um instante e instantes depois entravamos. Primeiro, um corredor; depois, uma sala com uma guitarra a um canto embandeirada de fitas sobre uma mesa um gramofone volumoso, de pavilhão branco, onde Caruso deve berrar a primor a «Traviata»; por fim, o quarto de Angela Pinto.

A actriz está estendida na cama, toda vestida de setim azul; uma touca tambem de azul e tambem de setim represa-lhe os cabelos. Languidamente estende-nos a mão, pronuncia o nosso nome, pregunta o que queremos.

— Como passa?

— Estou doente.

Angela Pinto tem na face o carmim, o baton, a pincelada, e a veloutine de teatro. E' sempre actriz. Vemos alguns jornais da manhã desdobrados; uma amiga sentada na cama que nos afaga com os olhos um pouco curiosos; um edredon; glicinias num solitario; grandes espelhos de lamina clara; sofás a branco e oiro; cristais e bibelots; ververmelhos escuros nas sanefas, nos reposteiros, no quarto todo. E' um banho de sangue que tomamos.

— Mas o que tem V. Ex.ª?

— E' o figado; são os nervos.

Angela Pinto prende nos ferros da cama os braços nus e interroga a amiga, figurine de teatro, iamos jurá-lo!

— Há quanto tempo estou doente?

— Há uns vinte dias.

— Sim; deve ser isso. — E depois: — Oh! Os meus nervos! Os meus nervos!

Interrogámos Angela Pinto mais directamente e com uma certa dificuldade. Ela para nós é a Angela «tout court». Aquele V. Ex.ª ceremonioso tolhe-nos um pouco o pensamento. Pronunciámo-lo baixinho, a medo.

— Como adoeceu V. Ex.ª?

— Eu vim do Porto muito incomodada. Teceram á minha roda uma intrigasinha...

Ela, a grande Actriz, não quere dizer mais nada. Conclue a frase com um gesto de teatro e volta a cabeça para o lado direito. Insistimos:

— O que foi essa intriga?

— Para que contá-la!? Não lhe direi uma unica frase, balbucia triste.

— Foram os seus colegas?

— Não! Não direi nada!

— Intrigas de mulheres?...

Angela Pinto levanta um pouco mais os seus braços nus; o olhar tem uma eloquencia, uma chama que nos queima. Naquele instante, foi Mariana, a Mariana do «Amor de Perdição».

— Foram todos. Então não diziam que a minha doença era fingida! Repare: três medicos tinham-na constatado, aconselharam-me até a repousar. Não quiz. Doente — o publico bem o via — e todas as noites em scena! Os aplausos subiam, cresciam, já feitos ovação...

A Actriz emudeceu. Aquela sua voz, naquela hora alacre de ruido e de luz, era uma caricia, um pôr de sol, um outono todo em rosas brancas a desfolharem-se.

— E depois?

— E depois não queriam acreditar na minha doença. Tudo isto me quebrou. Voltei a Lisboa cansada, nervos torcidos.

Nova pausa.

— Quando vai trabalhar?

— Ainda não sei. Eu tinha com o Robles um contracto de palavra. Mas não pode ser, não posso trabalhar êste verão.

— A doença é tão passageira...

— Sim. Eu talvez pudesse representar um pouco, mas neste estado de irritação temo a ribalta. Interpretaria mal, acredite.

— E no inverno?

— Então, ver-me-há, com certeza.

Angela Pinto ageitou o seu vestido azul; depois, aconchegou dois caracois loiros que se tinham desprendido rebeldes, olhou a amiga, figurine de teatro, iamos jurá-lo, e disse:

— Devo-te quatro mil e quinhentos; não é?

E depois:

— A época está terrivel. As empresas perdem rios de dinheiro.

Ela, a Actriz, estava fatigada. Mas aquela fadiga era tão propicia a uma confidencia, a uma saudade, a uma revelação. Fomos criminosos.

Conte-nos alguma coisa da sua vida.

— Mas toda a gente a sabe. Os jornalistas descobrem tanta coisa a meu respeito, tanta coisa de que eu me espanto depois — fez a Angela Pinto, com um sorriso. — Não tenho nada de novo a dizer.

— Uma noite de glória...

— Elas têm sido tantas.

— Uma recordação do publico.

— Ele sempre gostou de mim. Pudesse eu dizer o mesmo dos empresarios e dos colegas!

— Qual é a peça que mais gosta de representar?

— «A Primeira Causa».

Do fundo do quarto um homem levantou-se, tirou os jornais de cima da cama, e com admiração disse:

— A «Exilada», oh! A «Exilada», como a representaste!

A entrevista terminara. E, como no teatro, lentamente o pano desceu.

Artur Portela.

A escola de recrutas da armada do Alfeite

Foi nomeado 2.º comandante da Escola de Recrutas da Armada, no Alfeite, o 1.º tenente sr. Fortée Rebelo.

UMA PREVISÃO

Como será constituida a Camara dos Deputados

UM CALCULO QUE NÃO PERFILHAMOS, NEM DEIXAMOS DE PERFILHAR, E QUE BEM PODE FALHAR

Já hoje não resta duvida a ninguem que a maioria dos deputados está assegurada ao governo. Supômos mesmo que nunca sucedeu o contrário.

Segundo cálculos de alguem, muito de perto em contacto com o ministerio do interior, alguma coisa nos altos segredos, e um pouco neutral á constituição da futura Camara, não irá longe disto:

Governamentais (liberais)	85
Democraticos	46
Reconstituintes	10
Dominguistas	4
Monarquicos	5
Catolicos	6
Socialistas	2
Presidencialistas	1
Independentes ou varios	3
	162

Os católicos e os dominguistas, cuja votação se anuncia muito protegida pelo governo, especialmente os primeiros, nos assuntos politicos talvez de futuro se possam considerar... governamentaes.

Os regionalistas estão incluidos nas designaçções partidárias politicas, excepto um ou outro, nitidamente independente, e que estão incluidos na ultima parcela.

Por quanto falhará este cálculo, que não perfilhamos nem deixamos de perfilhar?

Coisas de nada

Um programa

...convertibilidade, tanto quanto possivel rapida do papel moeda, em moeda bi-metalica.

Mais acessivel ás partes, numa palavra.

Do programa do deputado prestdencialista sr. dr. Gomes da Mota.

O Seculo—5—7.

Gomes Mota, iluminado
P'la patriotica chama,
Vai propôr-se deputado,
E diz ao povo ilustrado
De que consta o seu programa.
Toca os pontos principais
Da grave Questão Social,
E, como todos os mais,
Faz considerações gerais
Sobre a Vida Nacional.
Creio até que se refere
A'quela antiga lei salica
Quanto á moeda requer(
—Porque a todas a prefere,—
A moeda bi-metalica.
(Não sou de todo idiota,
E se o Gomes não se ofende
Com esta ligeira nota,
Não sei que o Gomes da Mota
Por bi-metalica entende!...)
Gomes promete-nos tudo
Quanto haja p'ra desejar
No programa campanudo,
Em que a sintaxe, contudo,
Deixa um pouco a desejar.
E do programa, que eu veja,
—Se me permite os ápartes,—
Só apurei que deseja
Que o cupro-niquel nos seja
Mais acessivel ás partes...

João Fernandes

A CIDADE

A ALMA DO POVO

A gente do mar, os pastores e os moleiros

NA FALA DOS PESCADORES HA A PALAVRA PROFUNDA, A IDEIA VIBRANTE, A TERNURA, A EMOÇÃO

Ha na alma do povo uma profunda e sentida poesia, uma poesia inculta e simples, que se ignora e que é quasi ignorada por que são poucos os que a procuram.

Quem conhece apenas o povo das cidades não pode avalial-a. O povo da cidade é o operario, que deixa morrer no coração a poesia nativa para alimentar o espirito com jornais e sonhos revolucionarios, que se julga ainda oprimido sendo já o despota, e que perdeu, por completo, essa alma forte, ingenua, profunda, singela, que é a verdadeira alma duma nação. Só em contacto permanente e intimo com a Natureza, mãe de toda a poesia, essa alma se pode conservar nas suas primitivas linhas duma beleza infinita, porque é divina.

Assim como nas classes mais elevadas e cultas ha profissões de ambição, de prosaismo, de aspereza, que abafam o sentimento, que endurecem o coração, que mecanisam o espirito, inutilisando-o para tudo que seja arte, beleza, poesia, nos rudes labores do povo alguns ha que embrutecem, que apagam a flama sublime, que irradia de todos nós e que ilumina o mundo.

Outros ha, porém, que os poetas, os pintores, os musicos, todos os que pensam, trabalham e sentem, precisavam de partilhar, para bem compreenderem a arte, a natureza e a vida.

A gente do mar, em plena comunhão com o Oceano, o olhar feito á côr movediça das vagas e aos horisontes sem fim, o pensamento habituado á ideia latente da morte, e ás horas contemplativas da pesca, o peito dilatado pela brisa fresca, ou pelo vento das tempestades, cria uma alma grande, admiravel nos seus traços de fé, de coragem, de aventura, de bondade. São tão pequenas, para eles, as miserias da terra!

Tenho conversado largamente com os pescadores de Espinho e de Buarcos, da Nazareth e da Ericeira, sem um momento de enfado. Nem banalidade, nem mesquinhez. A palavra profunda, a ideia vibrante, a ternura, a emoção.

Os pastores são tambem verdadeiros entes de meditação e de poesia. E' curioso ver esses homens fortes, no inverno vestidos de peles, que fazem meia e que trazem, muitas vezes nos braços um cordeirinho, como S. João. Guiam-se nas horas e nos caminhos pelo sol e pelas estrelas e dão-lhes nomes mais belos que todos os que inventou a astronomia.

Falam pouco, porque se acostumaram aos longos dias silenciosos e solitarios, perdidos nos montes, ouvindo o gorgeio das aves, o latir dos cães, o murmurio do arvoredo, o balar do rebanho.

Falam por imagens, numa linguagem biblica, instintiva como a dos velhos apostolos.

São, relativamente ao camponez, de uma aristocracia especial, de uma fidalguia primitiva, de uma inteligencia superior.

Os moleiros já são menos graves, menos melancolicos. Cantam e sorriem, no moinho branco e na carreta de guizos. Asseados, talvez pela sugestão da brancura da farinha, ligam o monte ao povoado no vai-vem do seu ganha-pão. As velas brancas, do moinho branco, batem no azul as largas azas, como pombas gigantescas.

Os barros gemem, o moleiro canta.

O moleiro sabe historias e lendas, que não adivinhamos muito bem se ele proprio acredita. Fala das moiras encantadas, que á meia noite, nas fontes, penteiam os longos cabelos com pentes de oiro.

Nas noites de faina contempla á brancura do luar a brancura da farinha, e nessa poeira de neve vive, trabalha e sonha.

Maria de Carvalho

AS BORBOLETAS DO SR. CARVALHO MONTEIRO

O CASO JÁ ESTÁ ARRUMADO: AS BORBOLETAS FICAM ONDE ESTAVAM

O QUE NOS DISSE O SR. ANTERO DE SEABRA

O SR. CARVALHO MONTEIRO NUNCA MANIFESTOU O DESEJO DE LEGAR AO MUSEU BOCAGE A SUA COLECÇÃO DE LEPIDOPTEROS—"O QUE SERÁ DA MINHA COLECÇÃO DE BORBOLETAS QUANDO EU MORRER?"

A fim de esclarecer completamente este caso das borboletas do sr. dr. Carvalho Monteiro, o *Diário de Lisboa* ouviu há dias a opinião de dois empregados do Muzeu Bocage, que inculparam no assunto o sr. Antero Frederico de Seabra, naturalista daquele Muzeu e amigo da familia Carvalho Monteiro. O sr. dr. Antero de Seabra foi atacado e pretende, naturalmente, defender-se. O *Diário de Lisboa*, pondo á sua disposição um redactor para o entrevistar, mantém neste assunto uma linha de imparcialidade—de que ainda não procurou afastar-se.

O sr. Antero Frederico de Seabra recebe o jornalista no Laboratório de Biologia Florestal, onde se põe amavelmente á nossa disposição.

—Conte-nos a história das borboletas...

—Ora ouça: há tempo fui convidado por um amigo meu a ir ao palácio do largo Barão de Quintela, a fim de vêr a preciosissima colecção de borboletas que o sr. dr. Carvalho Monteiro legou aos seus herdeiros. Foi uma simples curiosidade.

—O sr. Carvalho Monteiro, ainda estava na disposição de oferecer as borboletas ao Muzeu Bocage?

—Não! Quando fui lá pela primeira vez, já ele tinha estado no Muzeu—onde conversou com o sr. Matoso dos Santos—e já tinha resolvido não entregar ao Muzeu a colecção de seu pae.

—Havia, naturalmente, uma razão...

—Havia: era o «eco» do sr. Raul Proença nos «Anaes das Bibliotecas e Arquivos». Mais tarde foi publicado outro «eco» que se tornou ainda mais desagradavel para o filho de Carvalho Monteiro. Foi essa a razão que levou os herdeiros de Carvalho Monteiro a não entregarem ao Muzeu a preciosa colecção de borboletas.

—Mas não era esse o desejo manifestado por seu pae, pouco antes de morrer...

—Está enganado: dizem os herdeiros deiros de Carvalho Monteiro que o pae nunca manifestou o desejo de que as borboletas fôssem para o Muzeu Bocage. Se assim fôsse, eles não hesitariam em entregá-las. Carvalho Monteiro limitou-se a fazer a si mesmo esta pregunta: «—O que será da minha colecção, quando eu morrer?»

—Nesse caso, qual foi a intervenção do sr. Antero de Seabra neste assunto das borboletas?

—A minha intervenção nunca podia ser aquela que foi apontada no seu jornal pelo sr. Mendes. E senão veja: Mais tarde fui novamente convidado a ir a casa do sr. Carvalho Monteiro,—desta vez como técnico, como naturalista—para dar a minha opinião sobre o valor e o destino que, de facto, deveria ser dado á preciosissima colecção; mas, ouça bem, com uma condição proposta pelos herdeiros de Carvalho Monteiro: eles desejavam, nessa altura, conservar a colecção.

«A minha resposta foi simples: disse-lhes que a colecção era riquissima, e, por tal motivo,—para ser organizada convenientemente — precisava da intervenção de um grande numero de especialistas, que não temos em Portugal. A colecção é tão vasta, tão rica, tão numerosa nos seus exemplares, que necessitava de pessoal habilitado para cuidar da sua conservação. E, entre nós, é preciso confessar que não há esse pessoal.

«Pediram-me então os herdeiros de Carvalho Monteiro para lhes indicar uma pessoa que, sob a minha responsabilidade, evitasse que a colecção fôsse destruida pela traça e por outros insectos; e esse trabalho limitava-se a tão pouco que, na realidade, qualquer pessoa o podia fazer. Indiquei o nome do meu ajudante no Laboratório de Biologia Florestal, que é, ao mesmo tempo, preparador do Muzeu Bocage. Note bem: fui consultado amigavelmente—como amigo da casa. Mais nada.

—Falou-se numa reunião de naturalistas, em que o sr. Antero de Seabra disse...

—Nessa reunião, quando o sr. dr. Baltazar Osório considerava perdida para o Muzeu a acquisição das borboletas, eu disse-lhe que não devia perder completamente a esperança. Era preciso deixar passar a impressão, pouco agradavel, produzida pelos «ecos» dos «Anaes da Biblioteca» no espirito dos herdeiros de Carvalho Monteiro, e que ele, Antero de Seabra, se propunha—na devida altura—a servir de intermediário, para vêr se haveria uma conciliação entre o Muzeu e a familia de Carvalho Monteiro.

«E, se quizer uma novidade para o seu jornal, posso dizer-lhe que os herdeiros de Carvalho Monteiro resolveram desde já pôr a colecção de borboletas á disposição de toda a gente que a queira estudar. De resto, já no tempo de Carvalho Monteiro as borboletaes estavam, não em exposição, mas á disposição do publico.

—E qual é a opinião do sr. Antero de Seabra sobre o destino que deve ser dado á colecção?

—Já uma vez os herdeiros de Carvalho Monteiro me preguntaram se a colecção devia ser exposta. E eu respondi que uma colecção daquelas não se expõe ao publico em parte nenhuma do mundo; é uma colecção de estudo.

Autorisações do Estado

Foram autorizadas: a meza administrativa da veneravel ordem 3.ª de S. Francisco da cidade de Lisboa, a aplicar 17.892$09, produto da venda de 41 acções do Banco de Portugal, na liquidação dos seus «deficits»; a Irmandade do Santissimo do Carvalhal, concelho do Bombarral, a comprar a casa contigua á ermida do Socorro; a Irmandade de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de Tavira, a ceder á junta geral de Faro o edificio denominado «Hospicio» para aumentar o numero de asilados do Asilo Distrital da Infancia Desvalida Esperança Freire.

Casa Pia de Lisboa

Foi para o *Diário* o decreto concedendo aos bemfeitores que fizerem á Casa Pia de Lisboa o donativo egual ou superior a 6.00$ e egualmente superior a 12.000$, a faculdade de fazerem internar ali, independentemente de concurso, mas em determinadas condições, um menor no primeiro caso e dois no segundo.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria Francisca Pais de Sande e Castro de Almeida Campos, D. Maria da Penha Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão) e D. Maria Alexandrina de Bessa Pinto.

E os srs.:

D. João de Lencastre, Duarte Bruges Pacheco Pereira (Inhias), Antonio de Sousa e Vasconcelos de Penha e Costa, João Bruges de Oliveira, Alexandre Inicio van-Zeller, Alberto Navarro de Andrade e Carlos Pinto da Fonseca.

A caridade

No Sporting Club de Portugal

Como noticiámos, realizou-se ontem á noite no esplendido campo do Sporting Club de Portugal, no Campo Grande, amavelmente cedido pela direcção, o «garden-party» de caridade organizado por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia. O recinto encontrava-se iluminado á venesiana, produzindo um aspecto encantador.

Abrilhantou a festa uma orquestra organizada pelo maestro Fernandes Fão.

Campeonato da Primavera

Foi recebida com grande entusiasmo a nota que ontem demos, de que o terceiro campeonato internacional de «lawn-tennis» da primavera, se iniciaria na tarde do proximo sabado, nos explendidos «courts» do Club Internacional de Foot-ball, em Sete Rios.

Os organisadores contam já com as inscrições dos brilhantes jogadores espanhois srs. conde de Gomar, D. José Maria Alonso, D. Eduardo Flaquer e Smash e dos nossos tomam parte D. José Burnay de Verda (Mairos), D. João da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), Luiz Ricardo, Antonio Casanova, Antonio Pinto Coelho, Boaventura Mendes de Almeida Belo, João de Freitas Branco Sassetti, Rodrigo de Castro Pereira, D. José Salema de Avelez, José de Mascarenhas e Menezes Luiz Diogo da Silva, Victor Ryder, Armando de Aguiar, Fernando Beires do Vale, Frederico Perestrelo d'Orey, Frederico de Vasconcelos, Frederico Ribeiro, e alguns jogadores do Porto e Coimbra.

Neste campeonato reaparece um dos mais distintos jogadores da velha guarda, que em varios torneios tão brilhantes provas deu da sua grande vocação para este «sport»: é o sr. José Belo, que ha anos partiu para o Brasil e que agora, de volta a Portugal, se evidencia o mesmo jogador de outros tempos.

As tardes dos dias 9, 10, 11 e 12 do corrente no Campo de Sete Rios vão ser portanto o ponto de reunião de toda a nossa aristocracia.

Casamentos

Pelo sr. Fernando Artur de Oliveira, distinto alferes de artilharia 2; foi pedida em casamento, para o seu camarada sr. Humberto da Cruz, distinto alferes do mesmo regimento, a sr.ª D. Francisca Rosa Pocastales, pertencente a uma das mais distintas familias de Elvas.

O casamento realizar-se-ha no proximo mês de Outubro.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dá «rendez-vous» ámanhã, na «soirée» da moda do «Chiado Terrasse», para a qual o empresa organizou um belo programa não só de «films», como de variedades, em que figuram os mais notaveis numeros.

Em viagem

Com sua gentil filha mais nova partiu ontem para o Porto, no rapido, a sr.ª D. Carlota de Mendôça Cirne, esposa do sr. José Cirne Madureira.

—Para Entre-os-Rios partiram ontem os srs. condes de Azarujinha.

Doentes

Adoeceu com um ataque de gripe a sr.ª D. Raquel Teixeira Queiroz de Barros, esposa do sr. dr. João de Barros.

Além-mar

Gratificações aos funcionarios publicos de Timor

O governador de Timor, como medida económica, determinou que cessem todas as gratificações a abonar ao pessoal dos correios e telegrafos e outros serviços da provincia e que todos os emolumentos que até aqui eram recebidos pelos funcionários em algumas repartições passem a ser receitas do Estado.

Um credito para pagamento de encargos em Timor

Foi aberto um crédito de 15.390$00, para pagamento de vários encargos da provincia de Timor, incluindo o pagamento de subsidio á companhia de vapores Barns Philp & Cletd, de Sydney.

Director da fazenda de S. Tomé

O governador de S. Tomé pede com urgencia que seja nomeado para ali o director da fazenda, em vista da muita falta que está fazendo ao serviço.

A secretaria do governo de Timor

Foram organizados os serviços da secretaria geral do governo de Timor.

PROVINCIAS

Em Vila Real

As proximas eleições

Vila Real, 4

Nada há de positivo ácerca de eleições por este circulo.

Por causa da questão do Douro, fala-se em abstenção; mas de seguro nada ha por emquanto. Pelo partido popular apresentam-se como candidatos a deputado o alferes Miguel Carneiro Macedo e a senador o sr. José de Carvalho Araujo. Pelo partido reconstituinte apresentou-se como candidato a deputado o sr. dr. Sebastião Augusto Ribeiro, e a senador o coronel sr. Anaricio Ferreira.

As festas do Senhor do Calvario

Preparam-se grandes festas ao Senhor do Calvario para os proximos dias 9 e 10. No dia 9 haverá arraial no largo de S. Francisco, Avenida Almeida Lucena e imediações; no dia 10 haverá a costumada procissão, além de festa de igreja.

Administradores de concelho

Por determinação do ministerio da guerra, o sr. comandante da divisão, general Simas Machado, nomeou para desempenhar as funções de administradores nos concelhos da região duriense de Santa Marta de Penaguião, Regoa e Alijó, os srs. capitão Albano de Carvalho, tenente Manuel Pereira Martins e alferes Francisco Figueiredo de Carvalho, de infantaria 13.

Em Niza

Delegado do procurador da Republica

Niza, 5

Tomou posse do lugar de delegado do procurador da Republica nesta comarca o sr. dr. Manuel Ribeiro.

O novo magistrado, que já aqui era sobejamente conhecido, exercia ha sete anos o lugar de professor de linguas no liceu de Castelo Branco.

Hoje mesmo partiu para aquela cidade, a fim de assistir ao serviço de exames.

As eleições

Absorve todas as atenções presentemente e todos se preparam para o acto eleitoral.

Em propaganda estiveram ultimamente aqui os srs. drs. Pequito Rebelo (integralista) e Lino Neto (monarquico), este acompanhado pelo sr. bispo de Portalegre.

Foram hoje distribuidos dois manifestos defendendo as candidaturas do P. R. P., sendo um assinado pelo sr. dr. João Camoesas, que nesta vila conta muitos amigos e admiradores.

Em Odemira

As eleições

Odemira, 5

Estiveram aqui ontem os srs. Abolm Inglês e Afonso de Lemos, respectivamente candidato a deputado e senador do P. R. L. por este circulo, os quais vieram tratar de assuntos eleitorais.

Recenseamento militar

Instalou-se hoje a junta de recrutamento para o serviço do recenseamento militar, começando ámanhã e dias seguintes as inspecções aos mancebos; a junta é composta dos srs. major Francisco de Paula Paleta, capitão Artur Rodrigues de Oliveira, major medico José Augusto Fernandes e acompanha-os o 2.º sargento José Bruno Liai.

Falta de bilhetes postais

Não há aqui bilhetes postais á venda, o que está causando graves prejuizos. E' urgente providenciar.

Em Coimbra

As eleições

Coimbra, 5

Há mais dois candidatos a deputados por este circulo, o sr. dr. João de Deus Ramos, que se propõe como independente, e dr. Antonio de Brito Pelxoto de Carvalho e Bourbon, monarquico.

Teixeira de Carvalho

A junta de freguezia de Almedina, na sua ultima sessão, exarou na acta um voto de sentimento pela morte do sr. dr. Teixeira de Carvalho.

Um desastre

Em Murtede ficou entalado entre dois carros de bois Antonio da Murta, de 21 anos, que morreu.

Professores primarios

Os professores primarios de Coimbra vão protestar contra a irregularidade do pagamento dos seus ordenados.

Na Regua

Junta de Defesa do Douro

Regua, 5

A Junta de Defesa do Douro que ha dias, em serviço de propaganda e organisação do movimento de protesto contra o pouco interesse dos governos pela solução da crise em que se debate esta região, saira desta vila para percorrer os diversos concelhos do Douro, regressou aqui na noite de sabado, sendo aguardada por grande numero de lavradores que lhe fez uma entusiastica recepção. As impressões dos membros da junta são as melhores. Em todos os concelhos percorridos, as autoridades administrativas vão solicitando a demissão, e não ha quem se preste a substitui-las. Para administrador deste concelho teve de ser nomeado um oficial d'infantaria 13.

A Junta de Defesa saiu de novo esta manhã, dirigindo-se a Lamego, Armamar e Resende, unicos concelhos da região que faltava visitar. Ainda não está definitivamente resolvido se a abstenção eleitoral será um facto. Causou má impressão a atitude do sr. ministro do comercio perante a questão. Os seus proprios correligionarios estão descontentes. São esperados aqui hoje os srs. drs. Lobo Alves e Nuno Simões, estrenuos defensores desta região, que na imprensa e no parlamento teem posto ao seu serviço toda a sua inteligencia e talento.

"Os Fidalgos da casa mourisca"

No nosso teatro é hoje exibida a fita cinematografica «Os fidalgos da casa mourisca». Ha grande interesse em assistir a essa exibição.

Falecimento

Em Alijó, onde fazia serviço, faleceu o nosso conterraneo capitão sr. Artur Gonçalves Guerra.

Deposito — MARINHO E AMARAL
R. do Jardim do Regedor, 23
LISBOA

Pinto & Sotto Maior
BANQUEIROS
LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras — Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

Seale e Lucas
Importador e Exportador
19 Eastcheap EC3
LONDRES

N.º 19 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 7-7-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

O senhor levanta-se bruscamente; a sua alma sombria ilumina-se de subito, como ao clarão dum facho.

— E' tão boa para todos — diz-lhe, acerbo — por isso quere sê-lo tambem para mim?

Imovel, calada, ela fita-o e o seu rosto tinge-se dum rubor intenso.

— Que quere? — pregunta-lhe ele, com a mesma aspereza. — Veiu lembrar-me o passado? Pois saiba, minha senhora, que é pela ultima vez; vou partir para sempre.

A juvenil castelã fica silenciosa; apenas os seus labios se agitam.

Mas, êle continua:

— Então, não lhe basta ter-me ouvido uma vez confessar-lhe a minha loucura... Escute, confesso-lhe ainda; O meu desejo ia para si, mas não me considerava digno... Está satisfeita, agora?

E recomeça, com ardor crescente:

— Repeliu-me, aceitou outro. Eu era um camponês, um rustico, um urso perdido na mocidade, numa tapada de caça real!

E o senhor cae numa cadeira soluçando e suplica:

— Oh! deixe-me, retire-se!

A altiva castelã, com o rosto livido, pronuncia lentamente, destacando as palavras:

— Amo-o; compreenda-me bem, é a si que eu amo. Adeus!

E a juvenil castelã esconde o rosto nas mãos, dirige-se á porta e rapidamente desaparece...

Johannes pousa a pena e recosta-se na cadeira. Bem: isto apenas e é tudo.

Eis o seu livro, a sua obra concluida; em todas estas fôlhas escritas está o trabalho de nove meses. Uma viva satisfação circula-lhe nas veias. E, emquanto sentado junto da janela, contempla a aurora nascente a desprender-se da noite, sente a cabeça zumbir e palpitar e o seu espirito continua trabalhando. Estranhas sensações vibram nele; o seu cerebro parece um jardim selvagem, onde abundam ainda os frutos e cuja terra fertil exala vapores.

Por uma senda misteriosa entrou num vale profundo e morto. Nenhuma existencia. Além, solitario e esquecido, um orgão toca. Aproxima-se, examina-o, o orgão sangra, o sangue corre-lhe do cimo, emquanto toca. Mais longe, chega a uma praça de mercado. Tudo está deserto, sem uma arvore, tudo silencioso; é simplesmente uma praça de mercado deserta. Mas, sobre a areia, vê-se o rasto de passos recentes e no ar parecem vibrar ainda as ultimas palavras pronunciadas neste lugar, tão frescas estão ainda. Uma sensação bisarra envolve-o; essas palavras em suspensão no ar, por cima do mercado, inquietam-no, apertam-se em volta dêle e oprimem-no. Afasta-as com um gesto, mas voltam; não são palavras, são velhos, um grupo de velhos que dansam; distingue-os agora. Porque dansam êles e porque é que os seus rostos estão impassiveis emquanto dansam? Um sôpro gelado solta-se dêste circulo de velhos; não vêem Johannes, são cegos e quando êle lhes grita não o ouvem, porque estão mortos...

Johannes caminha para leste, para o sol e chega diante duma montanha. Uma voz diz-lhe:

— A montanha que se ergue diante de ti, é o meu pé e estou ligada aos confins do mundo, vem libertar-me!

E pôs-se a caminho para os confins do mundo. Junto de uma ponte, um homem está de vigia, apanhando sombras; êste homem é de almiscar. Um terror atróz gela-o á vista dêste homem, que lhe quere agarrar a sombra... Cospe-lhe para cima e ameaça-o com o punho cerrado; mas o homem fica imovel, esperando-o.

— Volta! — grita uma voz atraz dêle.

Vê uma cabeça que rola pelo caminho, mostrando-lhe uma direcção e segue-a. Durante dias e noites, a cabeça rola e êle segue-a. A' beira do mar, a cabeça deslisa na areia e esconde-se. Johannes entra no mar e mergulha.

Diante duma porta gigantesca encontra um grande peixe que ladra, que tem uma crina no pescoço e que ladra contra êle, como um cão. Atraz do peixe, em pé, está Vitória. Estende as mãos para ela; nua e risonha olha-o e uma tempestade sopra-lhe nos cabelos. Ele, então, chama-a, ouve o seu proprio grito — e acorda.

Johannes levanta-se e chega á janela.

E' quasi dia; no pequeno espelho pendurado na batente vê que tem a fronte vermelha. Apaga a lampada e á luz cinzenta da madrugada, relê, ainda uma vez, a ultima página do seu manuscrito. Depois, deita-se.

(Continua).

DAMIÃO & C.ta 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

DE BERLIM

O cumprimento das obrigações da Alemanha para com a "Entente"

O dr. Wirth expoz á comissão das reparações do conselho economico o seu plano

Impostos no valor de 80 mil milhões de marcos—A questão da Alta Silesia —A politica das sanções

BERLIM, 7.—Wirth, expôs perante a comissão das reparações do conselho economico alemão o seu plano para alcançar meios para cumprir as obrigações da Alemanha para com a Entente. O plano, prevê novos impostos ascendendo a um total de 80 mil milhões de marcos. Expôs depois o plano detalhado dos impostos a cobrar e disse que a Alemanha tinha absoluta necessidade de ver resolvida praticamente a questão da Alta Silesia, e que os aliados não deviam proceder de forma a tornar as obrigações da Alemanha numa carga insustentavel, e que a politica das chamadas sanções tinha prejudicado imenso o povo alemão.—(R.)

Foi proclamado o estado de sitio em Benthen

BERLIM, 7.

Agrava-se a situação de Benthen onde foi proclamado um rigoroso estado de sitio, e onde os franceses se apoderaram de novos refens. As comunicações com a cidade estão extraordinariamente dificultadas porque varios comboios são assaltados e saqueados pelos insurrectos polacos.—(R.)

Uma conferencia entre o general Smuts e Lloyd George

LONDRES, 7.

De volta de Dublin, o general Smuts teve uma conferencia com Lloyd George, a que se atribue grande importancia.—(R).

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda na linha de Cascais nas estações de Parede e Estoril.

FRANÇA E ESPANHA

O PROBLEMA DO PORTO DE TANGER IMPÕE UMA RESOLUÇÃO IMEDIATA

O que diz o jornal inglês "Daily Mail"

A CONSTRUCÇÃO E A EXPLORAÇÃO DO PORTO DE TANGER FOI ENTREGUE Á FRANÇA ATÉ AO ANO DE 1999

Desde sempre Marrocos foi uma causa de dissenssões, mais ou menos graves, entre a França e a Espanha.

A causa destas dissensões está sempre latente e de vez em quando faz-se sentir mais ou menos intensamente, sem que até hoje os governos das duas nações, de comum acôrdo, se resolvessem a encarar o problema de frente, para o resolverem.

São tres as nações interessadas na gestão de Marrocos: A Espanha, a França e a Inglaterra.

Os direitos das tres nações devem ser reconhecidos pelo sultão, que tem apenas um valor nominal e cuja consulta é uma formalidade burocratica, servindo para disfarçar as intenções de qualquer das potencias interessadas.

O maior direito sobre Marrocos pertence á Espanha; Marrocos, porém, seria um prolongamento admiravel da Argelia e um ponto estrategico esplendido para a França, que se encontraria com uma base analoga á de Gibraltar, e para a Inglaterra, que teria desta forma o monopolio do Mediterraneo.

Daqui, forças contrarias, que se movem, cada uma no sentido de favorecer o seu país.

A França procura adquirir direitos pela força do tempo e considera por isso que, quanto mais tarde se resolver a tomar uma deliberação em comum, maiores probabilidades tem de ficar com melhor parte.

Pelo mesmo motivo, a Espanha deseja regular depressa a situação, porque, se hoje ainda fala alto, e não tão alto como anos atraz, sente que vai perdendo o pé e que, dentro de algum tempo, os seus direitos, nominais apenas, não terão peso na deliberação comum e ver-se-ha em condições iguais, senão inferiores, senão, num futuro um pouco mais afastado, espoliada de todo.

Por seu lado a Inglaterra espreita as relações dos dois países, e procura destruir as condições que dêem garantias positivas e seguras a qualquer dêles, até que surja uma ocasião em que possa firmar inabalavelmente a sua autoridade e fazê-la predominar sobre a dos outros dois.

Há tempos houve tumultos em Marrocos que fizeram ventilar a questão; a imprensa espanhola pediu um regulamento definitivo; seguidamente fez-se o silencio.

A França tem dito sempre que ainda não chegou a hora de regulamentar a questão.

Há dias, porém, o «Daily Mail» apresentava as varias circunstancias que se poderiam observar numa regulamentação de poderes internacionais e logo a seguir «El Sol» publica um veemente artigo de fundo, seguido de outros em que verbera o procedimento da França.

Ao mesmo tempo um telegrama anuncia que o ministro inglês em Paris, foi pedir o Estatuto Internacional do posto de Tanger ao governo francês.

A opinião porêm em Espanha é que este telegrama não diz a verdade toda e de que a Inglaterra pediu mais algumas explicações a respeito das concessões que a França obteve do sultão.

Seguindo a sua politica a França quere fazer valer a independencia da vontade do sultão; ora até hoje o sultão nunca fez concessões de importancia sem consultar as três potencias.

A França obteve agora que o sultão entregasse a uma sociedade «Internacional» *composta quasi exclusivamente de francezes* a construção do porto de Tanger e a sua exploração até 1999, sem que desta concessão fosse dado o menor conhecimento á Espanha nem á Inglaterra.

Compreende-se a gravidade deste facto e a ameaça que ele representa para a Espanha; o compromisso formal de que as obras seriam entregues a engenheiros espanhois, franceses e ingleses foi violado.

«Tudo isto reveste por parte da França os caracteres dum «golpe de mão», por meio do qual pretende pôr pé nas trincheiras do ponto de vista espanhol e firmar-se nelas com planos seguros», diz «El Sol».

Há grande excitação de parte a parte. «El Sol» falando energicamente espera que se chegue a um acordo justo e censura asperamente «Le Carnet de la Lenaine» cujas invectivas chegaram a tal ponto que afirmou: «em ultimo caso os exercitos franceses estão ao dispor da Espanha.»

Sem duvida estas palavras são um exagero; mas são tambem um indicio por onde se pode julgar até que ponto estão perigosamente tensas as relações dos dois países e a importancia que ambos ligam a esta questão.

DE INGLATERRA

Em redor da questão mineira

Segundo Hodges ter-se-iam obtido melhores salarios para os mineiros

LONDRES, 7.

Frank Hodges, secretário da federação dos mineiros, atacou fortemente os extremistas que embaraçaram constantemente as negociações na questão mineira. Se não fôssem êles, diz Hodges, ter-se-iam conseguido melhores salarios do que os que foram obtidos. — (U. P.).

Entendimentos entre o comercio e o governo

Um telegrama de lord Curzon ao embaixador inglês em Washington

LONDRES, 7.

Lord Curzon, num telegrama enviado ao embaixador inglês em Washington, nega que o governo da Inglaterra esteja cooperando com o comercio britanico para se apoderar de uma parte exagerada de petroleo existente no mundo. — (U. P.).

Propaganda dos produtos britanicos

Construção de navios para percorrer os portos do mundo

LONDRES, 7.

As companhias de comercio e navegação tencionam construir grandes navios, que percorrerão todos os portos do mundo, expondo os produtos manufacturados na Inglaterra. — (U. P.).

DA RUSSIA

O comunista sueco Hœglunv e a revolução comunista na Europa

Os planos dos bolchevistas Trotzski e Lenine e os paises ocidentais

Milhares de pessoas morrem de fome na Russia—Assassinio de milhares de judeus na Ukrania

BERLIM, 7—O comunista sueco Hoeglunv que regressou de Moscow, diz no «Folketsdag Dagbladet» que Trotzki está convencido que a revolução comunista não está iminente na Europa, mas que a Europa tenderá progressivamente para este estado, durante um largo periodo.

Trotzki e Lenine preparam portanto os seus planos de acordo com esta nova visão das colsas, pretendendo entender-se com os Menscheviks, e entrar em relações com os países ocidentais.

A situação alimentar da Russia é cada dia peor. Milhões de pessoas estão ameaçadas de morrer de fome.

Na Ukrania têm continuado os prodromos contra os judeus, tendo sido assassinados algumas centenas de milhar e saqueadas as casas que habitavam.—R.

EM LIMA

Parte do palacio do governo é devorado por um incendio

LONDRES, 7.

Um incendio, que se supõe ter sido causado por uma bomba, destruiu uma ala do palacio do governo em Lima, tendo-se perdido muitos e importantes documentos.—(R).

POR TERRAS DE ESPANHA

Prisão de um anarquista em Barcelona

BARCELONA, 7.—Foi preso o anarquista Vandellos que dirigia um grupo de sindicalistas que fabricavam bombas. A amante de Vandellos foi tambem presa, tendo sido encontradas em casa delas varias bombas.—(R.)

Mina Santa

OVIEDO, 7.—Por dificuldades economicas foram suspensos os pagamentos na mina Santa.—(R.)

Um incendio em Granada

GRANADA, 7.—Um grande incendio destruiu uma herdade, causando enormes desgraças.—(R.)

Novidade literaria

LIMINAR

POR

MARIO ALVES PEREIRA

A' venda em todas as livrarias

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

A POLITICA EM PORTUGAL

O parlamento e os artistas

A politica, em Portugal, tem estado sempre divorciada da Arte. Os politicos, entre nós, com raras excepções, são os maiores inimigos dos artistas. Têm por eles uma suprema indiferença, quando não têm desprezo. Proclamam, constantemente, a sua inutilidade, evitando falar neles, recusando-lhes as colunas dos jornaes, com o argumento irritante e imbecil de que o publico não se interessa por coisas de Arte.

A nossa politica não tem beleza, não tem scenário, não tem figuras decoratias, não tem atitudes de baixo relêvo. E' esse o maior defeito da vida publica portugueza. Ninguem cuida de vestir os sentimentos, de lhes dar fórma, de lhes dar elegancia, de os pôr apresentaveis... Não há modulações de voz, há gritos. Não há ironias, há insultos. Não há frases, há palavras. D'ahi o desencanto da nossa politica. Ninguem tem fé, ninguem acredita em ninguem, ninguem tem ilusões... Já se não tem o cuidado, já se não tem a delicadeza de nos iludir... Apresentam-se todos, brutalmente, como são, sem um disfarce, sem uma capa, sem um casaco... Efectivamente, muitos dos nossos politicos põem-se em mangas de camisa para fazerem «toilette»...

Os nossos parlamentares têm, quási sempre, uma cultura sem fundo, uma cultura de artigos de fundo. Raros são aqueles que se distinguem pela sua cultura literária, raros são aqueles que sabem fazer politica e literatura, ao mesmo tempo; raros são aqueles que, ao enunciar um projecto, pronunciam um discurso, um discurso que fica emquanto o projecto passa...

O caso de Maurice Barrés, creador de ritmos novos e agitador de ideias velhas, o caso de Leon Daudet, critico literário e critico mordaz de todos os politicos, o caso de Clemenceau, inofensivo na sua prosa tranquila e tigre na sua vida publica, são casos raros em Portugal.

Os artistas novos não têm uma voz no Parlamento. Os consagrados, uma vez por outra, ainda têm quem os defenda, ainda têm quem lhes zele pelos seus interesses. Os artistas novos, nunca. E são eles que mais precisam de ser ajudados, que mais precisam de ser estimulados. Está uma obra toda por fazer nesse sentido. Assim, urge reformar o teatro nacional, arejá-lo, varrê-lo, dar-lhe horizontes mais largos; urge réformar a Sociedade Nacional das Belas Artes, esse «Retiro dos Pacatos», desses pacatos pintôres de portas que andam para ahi consagrados... Urge tratar a sério da questão dos pensionistas do Estado, urge, numa palavra, modernizar Portugal.

Entre os vários nomes que se apresentam ao sufrágio, alguns há que oferecem garantias aos novos, a todos aqueles que, nesta terra, persistem em ter um ideal. Estão incluidos neste numero os nomes de Alfredo Pimenta e Fidelino Figueiredo. Há um nome, porém, nesta turba-multa de candidatos que parece ter despertado as simpatias de quási todos os artistas novos, alguns dos quaes se dispõem a ir ás urnas, no próximo domingo, votar pelo seu nome. E' esse candidato o sr. dr. José Gomes Mota, um espirito brilhantissimo, que tem sido, por assim dizer, o advogado da geração. Não há uma iniciativa de gente nova que ele não secunde, que ele não auxilie com a sua justiça, com a sua palavra, com a sua fé. O sr. dr. José Gomes Mota propõe-se a representar no Parlamento a mocidade da nossa terra, daquela mocidade irrequieta, irreverente, sem a qual jámais haverá alegria neste paiz de tristes... Estamos informados de que o sr. dr. Gomes Mota, que se propõe por Lisboa, circulo oriental, conta com elementos valiosissimos para o triunfo da sua candidatura. Sendo assim, terá chegado a ocasião de ouvir a mocidade portugueza a cantar no velho casarão de S. Bento?

A. F.

MEIAS DE SÊDA
A 8.500
Em preto e côres da moda
LOJA DAS MEIAS—ROCIO, 1

TEATROS

Entre nós

Realiza-se hoje no teatro de S. Carlos o ensaio geral da peça regional «Entre giestas», original de Carlos Selvagem, que ámanhã deve subir á scena com aquele rigor que é timbre da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Do seu valor, como obra literaria e obra teatral, é garantia suficiente o nome do seu autor, um dos mais novos dos nossos homens de letras. Do desempenho de «Entre giestas» bastará dizer-se que os principais papeis estão confiados a Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e Antonio Pinheiro.

—O unico papel feminino da nova peça «Os conquistadores», em ensaios no Avenida, para 4.ª récita de assinatura, terá como interprete a artista Palmira Bastos.

Reclamos

S. CARLOS—«Entre giestas», que sóbe ámanhã á scena, dará apenas três unicas representações em virtude da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro ter de partir para a provincia, a fim de satisfazer compromissos inadiaveis. «Entre giestas» sóbe á scena com aquele rigor que é timbre da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, Do seu valor como obra teatral e obra literaria é garantia suficiente o nome do seu autor, um dos mais novos, mas dos mais ilustres homens de letras. Do seu desempenho bastará dizer-se que estão confiados a Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e Antonio Pinheiro os principais papeis.

NACIONAL—Este teatro teve ontem uma concorrencia avultada e selecta, que muito aplaudiu a peça «Simone». Hoje, a obra de Brieux volta a repetir-se.

POLITEAMA—A «Miss Diabo» conta já, esta noite, 27 representações e espera-se que vá ás 50, tal é a afluencia do publico.

APOLO—Escusado é dizer que continua anunciada a revista-fantasia «Porto, tantos de tal».

AVENIDA—Na sua triunfal carreira, sempre com enchentes e estrepitosos aplausos, proseguem hoje, neste teatro, as representações da delicada e originalissima peça «O coração manda».

S. LUIZ—E' na proxima semana que se inaugura a epoca de verão de verão, com a primeira representação da opereta fantastica, de Arniches e Abati, «A mulher artificial».

EDEN—Tudo indica que a inauguração da epoca de verão nesta epoca, com a revista «Pé de dança», que sobe á scena no proximo sabado, vai ser um acontecimento.

SALÃO FOZ—O «Trólaró», com o «Delirio do opio», em duas ás 8-30 e 10-30 da noite, continua a ser a peça preferida do publico.

Espectaculos

S. CARLOS—Não ha espectaculo.
NACIONAL—A's 21,15—«Simone».
S. LUIZ—Fechado.
POLITEAMA—A's 21,30—«Miss Diabo».
AVENIDA—A's 21,30—«O coração manda».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
GIMNASIO—Fechado.
EDEN—Fechado.
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21-30—Variedades. Campeonato internacional de luta.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e concerto.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «A Rosa do Jardim».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
SALÃO DOS ANJOS—A's 21,30—Cinema e variedades.

Ultimas Noticias

DOS ESTADOS UNIDOS

Os interesses norte-americanos no Mexico

Parte para aquela republica uma esquadra para proteger os americanos dos constantes conflitos

(Serviço especial para o «Diario de Lisboa»)

NEW YORK, 7.

Uma esquadra americana recebeu ordem de partir imediatamente para as costas do Mexico, para proteger os interêsses americanos que podem correr perigo, devido ás perturbações existentes nos meios operarios por algumas companhias estrangeiras de petroleo terem suspendido os seus trabalhos.

O Presidente do Mexico ordenou que as companhias que suspenderam os trabalhos sem suficiente justificação devem indemnisar os empregados despedidos. — (U. P.).

A venda das bebidas alcoolicas

Uma manifestação contra a lei que a proíbiu

NEW YORK, 7.

O sr. Hoaln, Mayor de New York, assistiu ao desfile de vários milhares de pessoas que protestavam contra a lei da proibição da venda de liquidos alcoolicos. Todos os individuos que tomaram parte na manifestação levavam na lapela uma garrafinha de bebida alcoolica em miniatura. — (U. P.).

O "match" Carpentier-Dempsey

O campeão americano será levado aos tribunais?

NEW YORK, 7.

Em Jersey City pretende-se levar Dempsey aos tribunais por se ter batido com Carpentier. O conselho de reformas, que faz esta acusação, pretende tambem proceder contra o governador Edwards por ter assistido ao «match». — (U. P.).

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

CURIA
GRAND HOTEL
Aberto desde 1 de Junho. Este sanatorio é a 2 metros do Balneario. Culinaria á francesa. Dirigido pelo seu proprietario
Afonso Rodrigues Costa

BIBLIOGRAFIA

RECEBEMOS: — «Zilda», comedia em três actos, de Alfredo Cortês, formosissima edição da Companhia Editora Portuguesa, ilustrada por Alice Rey Colaço, Milly Possoz e Jorge Barradas.

«Após Monsanto», por Eduardo de Sousa, edição da casa «Lumen».

Abrange êste volume os interessantes discursos que, como deputado, o seu autor proferiu no Parlamento.

Bolsa de Lisboa

Dia 7

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	42.95
» » 500$00	—
» » 100$00	42.95
Coup. tit. 1.000$00	42.95
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	10.40
4 0/0 1888	—
4 0/0 1890 ass.	—
4 1/2 1888/89 ass.	—
4 1/2 1889 coup.	54.60
5 0/0 1909 coup.	—
4 1/2 1912 ouro	—
5 0/0 1917	—
3 0/0 externas 1.ª série	141.
3 0/0 » 2.ª »	130.
3 0/0 » 3.ª »	142.
Acções	
Banco Colonial Português (port.)	140.50
(cop.)	142.
» Comercial de Lisboa	257.
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	215.
» » » (coup.)	232.
» Lisboa & Açores	276.
» Portugal	—
» Minho	—
» Português e Brasileiro	125.50
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	118.
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	212.
Portugal e Colonial	106.
Cabinda	—
Buzi	45.
Ilha do Principe	180.50
Moçambique	—
Zambezia	7.30
Companhia do Boror	73.
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	—
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	1.820.
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	30$00	35$00
s/Londres cheque	83/4	8 1/2
» 90 d. v.	8 7/8	—
Rio s/Londres	7	—
s/ Paris	586	605
s/ Italia	353	363
s/ Belgica	580	600
s/ Suissa	1240	1276
s/ Espanha	945	980
s/ Berlim	98	102
s/ Holanda	2400	2500
s/ Nova York	7385	7600
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	6 0/0	—
» » » » Portugal	7 1/2 0/0	—
Agio do ouro	600	7000/0

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	—
» s/Londres	29,06
» s/New-York	—
» s/Berlim	10,35
Paris s/Londres	—
» s/Madrid	—
» s/Genebra	—
» s/Berlim	—
Londres s/Paris	46,79
» s/Roma	77,62
» s/New-York	3,714
» s/Berlim	280,5
» Amsterdam	1134,5
» s/Genebra	22,12

A LUTA ELEITORAL

Um significativo telegrama de Mirandela

O sr. presidente do ministerio recebeu o seguinte telegrama:

«MIRANDELA, 7, ás 10.—Reconstituintes acordados com monárquicos andam em mercantil romagem nas povoações deste concelho, comprando votos por altos preços.—Almeida Rojões».

As eleições em Macau

Já se não realizam no dia 10 do corrente as eleições em Macau, devendo hoje ser enviada uma notificação para o *Diário do Governo* nesse sentido, marcando o dia 24 deste mez para a realização desse acto.